

ITINERÁRIOS RIO DE JANEIRO-BOGOTÁ: UMA ANÁLISE TRANSLOCAL DE OTRAS APRENDIZAGENS NOS ENCONTROS

*ITINERARIOS RIO DE JANEIRO-BOGOTÁ: PERSPECTIVAS DE LOS ESTUDIOS
TRANSNACIONALES PARA UN ANÁLISIS TRANSLOCAL DE OTROS APRENDIZAJES EN LOS
ENCUENTROS INTERCULTURALES*

 <http://orcid.org/0000-0003-1469-4456> Catalina Revollo Pardo^A

^A Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro (UniLaSalleRJ), Niterói, RJ, Brasil, Fundação de Apoio à Escola Técnica - Escola Técnica Estadual República (FAETEC-ETER), Rio de Janeiro, RJ, Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Recebido em: 23 ago. 2022 | Aceito em: 23 ago. 2022

Correspondência: Catalina Revollo Pardo (catalina@gmail.com)

Resumo

Neste artigo são analisadas as experiências de aprendizagem nos encontros interculturais entre o Brasil e a Colômbia do trabalho de campo da pesquisa, *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia*, que aconteceu entre o Rio de Janeiro e Bogotá, problematizando a (trans)localização das práticas teórico-metodológicas da pesquisa em migrações transnacionais, com a lente das propostas da tradução na perspectiva da crítica pós-colonial e decolonial. A metodologia utilizada foi a análise do diário de campo da pesquisa em questão com a lente das propostas teórico-metodológicas dos estudos sobre interculturalidade, transnacionalismo e tradução. Os resultados do artigo apontam a necessidade de dar centralidade à leitura de códigos interculturais translocais durante as análises dos processos metodológicos em pesquisas, as quais aparecem como outras aprendizagens que viabilizam os encontros de saberes na Afro-américa Latina.

Palavras-chave: Migração Transnacional, Tradução, Psicossociologia, Interculturalidade.

Resumen

En este artículo son analizadas las experiencia de aprendizaje en los encuentros interculturales entre Brasil y Colombia del trabajo de campo de la investigación, *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia*, que tuvo lugar entre Rio de Janeiro y Bogotá, problematizando la (trans)localización de las prácticas teórico-metodológicas de la investigación en migraciones transnacionales, desde la perspectiva de la propuesta de la traducción propuesta por la crítica poscolonial y decolonial. La metodología utilizada fue el análisis del diario de campo de la investigación en cuestión desde las propuestas teórico-metodológicas de los estudios sobre interculturalidad, transnacionalismo y traducción. Los resultados del artículo destacan la necesidad de dar centralidad a la lectura de los códigos interculturales translocales durante los análisis de los procesos metodológicos en investigaciones, los cuales se dan como otros aprendizajes que viabilizan los encuentros de saberes en Afro-américa Latina.

Palabras clave: Migración Transnacional, Traducción, Psicología, Interculturalidad.



Itinerários Rio de Janeiro-Bogotá: uma análise translocal de outras aprendizagens nos encontros interculturais

Por meio deste artigo pretendo refletir sobre o campo da pesquisa qualitativa (trans)localizada no contexto dos estudos migratórios transnacionais, fazendo uma análise teórico-prática na qual se discute os encontros interculturais entre as participantes da pesquisa e a pesquisadora. Sendo assim, aborda-se as perspectivas dos estudos transnacionais, para propor uma análise translocal dos encontros interculturais registrados no diário de campo que aconteceu entre o Rio de Janeiro e Bogotá, durante a realização da pesquisa de doutorado: *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia*.

Um desdobramento dessa investigação é o vínculo com o Grupo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores(as), Currículo(s), Interculturalidade e Pedagogias Decoloniais (GFPPD/UNIRIO). No artigo “Decolonialidade e Movimentos Pedagógicos: traduções para a educação intercultural no itinerário Brasil-Colômbia”, produzido em co-autoria, trabalhamos aspectos relacionados com a pesquisa intitulada “Como a educação intercultural impacta as políticas e as práticas curriculares no Brasil e na Colômbia”, fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Recupero, aqui, um trecho que revela o posicionamento que adotamos, no âmbito desse trabalho realizado em rede colaborativa, envolvendo os dois países:

Fizemos alguns destaques para a dinâmica que adotamos com vistas a conformar um *habitus* mais ao sul e, assim, incrementar outras parcerias e formas de cooperação em nossa região. Avaliamos aspectos sobre o distanciamento estratégico do qual somos vítimas e que nos colocou de costas para um *corpus* de conhecimento diretamente relacionado com as questões da diversidade. (MIRANDA et al, 2021, p. 45).

Os contextos privilegiados (Brasil e Colômbia) nas referidas pesquisas, estão marcados por processos de re-existência que merecem maior inclinação. América Latina e Caribe despontam como territórios transnacionais de grande relevância para as Ciências Sociais tendo em vista as dinâmicas organizacionais adotadas pelos movimentos organizados, das diferentes sociedades. Na atual conjuntura, o mundo observa a chegada do primeiro governo democrático, no país de Francia Márquez Mina (atual vice presidenta), para o período que vai de 2022 até 2026. São inúmeros os desafios que se apresentam e que incidem no desenho de nossas pesquisas. São rupturas que geram incômodos necessários para movimentações radicais e para posicionamentos outros.

A problemática do local do/a pesquisador/a nessa área, tem sido uma questão para numerosas análises. Os estudos pós-coloniais, decoloniais e feministas, realizam críticas contundentes ao modelo cartesiano, moderno/patriarcal/branco/heterossexual/cristão/capitalista/adulto, de produção do conhecimento, discutindo o posicionamento do/a pesquisador/a. Historicamente, a ciência moderna enuncia a voz do/a pesquisador/a na terceira pessoa do singular, criando um local de onipresença, onissapiência e invisibilidade da sua subjetividade. Pretendendo falar dos/as outros/as com objetividade. Spivak (2003), reflete sobre a assimilação do outro, tomando como verdade o dito sobre um/a outro/a, no ato da representação. A autora está interessada em propor uma releitura sobre o que se mantém como verdade, discutindo a capacidade do subalterno de se representar, pois o sujeito está mais construído no interior do discurso, do que no que preexistente a ele.

Os encontros interculturais das trajetórias migratórias dos integrantes da pesquisa, *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia* e, a problemática do local do pesquisador na construção das pesquisas translocais, são os inspiradores o desenvolvimento deste artigo. O objetivo deste estudo é analisar os encontros interculturais entre a pesquisadora e as participantes da pesquisa, por meio da análise dos dados do diário de campo, que ocorreu entre o Rio de Janeiro e Bogotá, considerando a proposta teórico-metodológica da tradução da crítica pós-colonial.

A tradução na perspectiva dos estudos pós-coloniais é a metodologia que articula este estudo, o diário de campo é a ferramenta que o viabiliza e a abordagem transnacional dos estudos das migrações é a área de estudo em que toma lugar esta proposta metodológica, por meio da análise intercultural. Esta proposta metodológica parte de um exercício de análise translocal, que toma como ponto de partida o fenômeno migratório da migração forçada interna colombiana, até chegar ao processo da migração dos colombianos por motivações acadêmicas no exterior, gerando uma experiência migrante-investigativa-tradutora-translocal, que vou a denominar como: ponte aérea Rio-Bogotá.

Aproximações aos transnacionalismos, na procura de uma proposta de pesquisa translocal

As propostas teórico metodológicas pós-colonial¹, decolonial² e dos estudos feministas³, vão problematizar a representação do outro/a, destacando a relevância estrutural da localização do pesquisador, do escritor, do professor, do artista na produção do seu trabalho, refletindo sobre encontros, desencontros e alteridades. Esta localização permite elaborar uma análise de segundo nível⁴, quando as referências do contexto sociocultural, geográfico, político, étnico, econômico do pesquisador são elementos constitutivos do trabalho de campo e da análise dos dados da pesquisa.

Pela procura da crítica feminista de uma proposta que insira a posição do pesquisador como parte do mesmo processo da manufatura do conhecimento sobre as pessoas e comunidades (Grewal y Kaplan 1994), os teóricos transnacionais tem sido forçados a revisar sua própria postura no processo cognitivo e de pesquisa. (BESSERE, 2006, p. 9)

O local do pesquisador na prática da pesquisa migratória transnacional é central para a elaboração da discussão no presente artigo, sendo assim, me aproximo às contribuições do Professor Elhajji (2008) sobre a transnacionalismo, quando o autor afirma que este fenômeno corresponde:

Aos modos de organização e ação das comunidades humanas inseridas em mais de um quadro social nacional estatal, tendo referenciais culturais, territoriais e/ou linguísticas originais comuns, e conectadas por intermédio de redes sociais transversais que garantem algum grau de solidariedade ou identificação além das fronteiras formais de seus respectivos países de destino. Trata-se, assim, de um fenômeno “pós-estado-nacional” inerente à realidade sociopolítica contemporânea, profundamente marcada por uma forte ruptura entre os níveis Estatal e indenitário, devido aos movimentos migratórios internacionais consequentes do conjunto de fatores políticos, econômicos, sociais e humanos que vêm transformando de modo radical o nosso mundo e a nossa percepção do mundo há quase dois séculos. (ELHAJJI, 2008, p. 59)

Segundo Vertovec (1999), o conceito de transnacionalismo é utilizado para analisar: (a) morfologia sociais, (na qual analisa as diásporas, redes e as comunidades transnacionais.), (b) tipo de consciências, (conectadas em comum entre um aqui e um lá, e que não só se limitam a uma questão espaço-temporal, destacando também o ciberespaço como recriador da mente e de artefatos culturais, o que leva a compreender o transnacionalismo como novas subjetividades

¹ Nos estudos literários, se produzem obras escritas pelos colonizados ou ex-colonizados, os quais se apropriam da língua dos colonizadores, para lhes representar, é um outro local de enunciação no mesmo contexto e do colonizador.

² No contexto latino-americano as reflexões iniciais giram em torno dos padrões estruturais colonialidade/modernidade das sociedades contemporâneas locais (CASTRO-GÓMEZ. 2005).

³ As feministas são pioneiras na problematização das múltiplas formas de poder opressor e excludente da sociedade patriarcal/ocidental, ressaltando a opressão do patriarcado que cria e oprime o/a outro/a, no caso; a mulher, problematizando o local da alteridade na sociedade patriarcal/ocidental (Bahri, 2004).

⁴ Tomando a metáfora da matemática da cibernética de segundo nível.

no contexto global.) (c) modos de reprodução cultural, (gerando a transformação de identidades por meio da mídia global e meios de comunicação, gerando, novos espaços culturais e novas cartografias da mídia global.), (d) vias para o capital, (analisa as configurações transnacionais da globalização do capital, o surgimento de uma classe capitalista transnacional e o trânsito de envio de remessas.), (e) Espaço de engajamento político, (na dialética de que os assuntos globais e locais, não se encaixam nas políticas nacionais, materializados nas dinâmicas nas organizações internacionais não governamentais e nos movimentos sociais transnacionais.), (f) reconstrução do local, (pela alta mobilidade, as NTIC's⁵ internet tem contribuído para a compreensão da realidade translocal.

Segundo Vertovec (1999), muitas pessoas têm dificuldade em se relacionar ou produzir uma localidade (viver e pensar, numa comunidade situada). O autor afirma que, a condição do transnacionalismo se caracteriza pela disjunção entre território, subjetividade, assim têm surgido novas “(trans)localidades” (APPADURAI, 1995, apud. VERTOVEC, 1999, p. 15). Segundo a leitura de Vertovec (1999) sobre Marcus (1998), a etnografia multisituada de Marcus é um importante recurso para estudar o transnacionalismo, mas deve ir além do multilocal, para se converter em translocal, construída pela colaboração de equipes multidisciplinares em diferentes localidades, suportada nas TIC's.

A problemática das migrações nos estudos transnacionais é um assunto de discussão. Segundo Besserer (2006) os estudos de migração transnacional, podem ser classificados em duas vertentes: o transnacionalismo objetivo e o transnacionalismo de ruptura. A primeira abordagem, está ligada aos estudos empíricos transacionais, que questionam as formas territorializadas de entender as realidades sociais, sendo que, estes estudos geralmente falam do centro da cultura disciplinar (antropologia, sociologia, comunicação, ciência política, psicologia, dentre outras). As propostas do transnacionalismo objetivo dedica-se a estudar: (a) a comunidade transnacional como uma comunidade que se expande e se consolida “além (ou a pesar) da fronteira”, (b) a comunidade transnacional entendida como o resultado da construção da nação, (c) a comunidade transnacional como comunidade que se consolidam no desvanecimento dos Estado-nação.

A segunda abordagem propõe uma ruptura com a epistemologia disciplinar tradicional e questiona o local ontológico (do ser) do transmigrante e do pesquisador e quebra a organização do conhecimento centralizada nos princípios das disciplinas tradicionais e do

⁵ Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Estado-nação. Os estudos pós-coloniais no contexto do transnacionalismo de ruptura, propõe a possibilidade de fazer uso de sua posição de dominação como um local de enunciação, contrastando as propostas de quem nega às comunidades transnacionais uma voz própria e um ponto de vista alternativo (BESSERER, 2006).

As tradições disciplinares podem limitar as perspectivas da análise transnacional e apagar o ponto de vista privilegiado dos que vivenciam suas vidas na transnacionalidade. A observação, experiência e representação vista das “margens” da disciplinaridade e de dentro da comunidade transnacional, parece trazer contribuições que ampliam esta abordagem. (BESSERER, 2006, p. 2).⁶

Neste estudo eu pretendo ser tradutora, o que faz da minha experiência pessoal um legado importante para desenvolver este trabalho. Eu tenho um profundo interesse pela situação das mulheres *desplazadas* colombianas pelo fato de ser uma mulher migrante colombiana. Eu não fui forçada a sair de casa, muito pelo contrário fui motivada para migrar. Deixei meu país há treze anos, com a ideia de conhecer o mundo e conseguir fazer meus estudos no estrangeiro. No meu ingresso no programa EICOS, em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ, fui compreendendo que minha migração não foi tão voluntária ao final, pois, pela situação social, econômica, política do conflito na Colômbia, meu trabalho não poderia ter sido acolhido com a complexidade do olhar das margens transnacional, que minha condição de migrante tem me dado. Hoje, sou uma mulher migrante, pesquisadora dos fenômenos migratórios, interessada em problematizar os encontros interculturais, com a finalidade de construir propostas teórico metodológicas críticas (trans)localizadas no contexto latino-americano.

O fenômeno de migração forçada na Colômbia: o desplazamiento forçado e a pesquisa translocal

A Colômbia tem vivenciado por mais de 60 anos o conflito social, político, econômico e armado, fato este, que gerou uma profunda crise humanitária no país e na região. Na atualidade, depois da assinatura e a pouca vontade para a implementação dos acordos de paz entre o governo colombiano e as FARC-EP⁷ por parte do governo do ex-presidente Ivan Duque e o

⁶ Tradução da autora.

⁷ *Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo.*

congelamento dos diálogos entre o governo e o ELN⁸ este conflito está passando por uma fase de recrudescimento, mas se espera que com a recente vitória do Presidente Gustavo Petro e sua Vice-presidente Francia Márquez Mina se consiga a paz total à resolução deste conflito⁹.

O *desplazamiento*¹⁰ na Colômbia é considerado um fenômeno de migração interna forçada extremamente complexo, com múltiplas causas e várias modalidades, sendo assim, neste texto, esta categoria será mantida em espanhol, ressaltando a particularidade deste fenômeno de migração forçada, que o torna inviável para a tradução. A legislação colombiana decretou a Lei 387 de 1997, pela qual pela primeira vez se desenvolvem medidas para prevenção, atenção, proteção, consolidação e estabilização socioeconômica da população vítima do deslocamento forçado na Colômbia. Com o passar dos anos, outros decretos que reconhecem a situação da pessoa em situação de deslocamento também foram aprovados, como a atual Lei de Vítimas 1448 de 2011.

A Colômbia tem a taxa mais elevada de *desplazamiento* forçado do hemisfério ocidental e a segunda mais elevada do mundo. Segundo o Centro Nacional de Memória Histórica (2013) no informe *¡Basta Ya!* Afirma-se que o *desplazamiento* forçado afeta a todos setores da população colombiana, predominantemente os habitantes do setor rural e as áreas periféricas das grandes cidades. Segundo as estatísticas e os estudos específicos, são afetados de maneira diferenciada as mulheres, as crianças, as comunidades indígenas e afro-colombianas.

As mulheres são aproximadamente mais da metade da população vítima do *desplazamiento* na Colômbia e muitas delas devem assumir a manutenção total do lar, gerando estratégias de sobrevivência na economia informal e construindo redes de apoio entre a população vítima, articuladas a um contexto político para reivindicar seus direitos como mulheres vítimas.

É pertinente explicar que o fenômeno do *desplazamiento* forçado neste artigo se aproxima às ideias do colombiano Arturo Escobar (2004), para o autor, as características inerentes ao sistema mundo atual são: o consumo, a produção-exploração neoliberal, as alianças estratégicas

⁸ *Ejército de Liberación Nacional*.

⁹ O conflito social, político, econômico e armado colombiano está composto por diversos atores, que vão além do governo e da insurgência. Entre eles estão os grupos paramilitares que apesar de ter se “desmobilizado” como o processo da lei de justiça e paz de 2005, continuam operando com outros nomes e categorias.

¹⁰ Segundo o Informe do representante do secretário Geral das Nações Unidas, o Sr. Francis M. Deng, resolução 1997/39 da Comissão de Direitos Humanos, onde consta os Princípios Reitores dos deslocamentos internos, entende-se que são as pessoas ou grupos de pessoas que foram forçadas a deixar seu lar, para evitar os efeitos de conflito armado, situações de violência generalizada, violações dos direitos humanos ou mesmo catástrofes naturais (ou provocadas pelo ser humano), e que não tenha cruzado fronteiras estatais internacionalmente reconhecida.

econômico-militares entre Estados e regiões, a discriminação racial, de gênero e epistemológica num contexto altamente globalizado, gerando processos de usurpação territorial do chamado “terceiro mundo”, deixando uma grande quantidade de pessoas vítimas do *desplazamiento* forçado. Complementando este pensamento, o professor colombiano Héctor Mondragón (2002) afirma que: *Não só há deslocados porque há guerra, se não especialmente há guerra para que tenha deslocados*¹¹.

Depois de localizar brevemente as dimensões e características do fenômeno do *desplazamiento* interno na Colômbia, se deve destacar que o conflito social, político, econômico e armado colombianos, não só afetam fluxos migratórios internos, como também afetam o cenário da migração internacional. As elevadas taxas dos colombianos migrantes, são um espelho do conflito interno no país. A privatização dos serviços de saúde, educação e previdência, implementada desde os anos noventa, é um fator que atravessa o cotidiano dos colombianos, colabora com a perpetuação do conflito social político econômico e armado colombiano e incrementa o fluxo migratório.

A educação superior na Colômbia é paga (até nas universidades públicas), os programas de pós-graduação cobram elevadas taxas de matrícula anual ou semestral, o que obriga ao cidadão interessado na educação superior, ter que se submeter a empréstimos oferecidos pelo Estado (ICTEX¹²) (ou por instituições financeiras do setor privado), ou estudar no exterior. São muitos os imigrantes colombianos que estão fazendo estudos de pós-graduação no Brasil¹³. É tradicional a presença dos colombianos e colombianas nos cursos de pós-graduação brasileiros já dos anos noventa, destacando que muitos dos migrantes acadêmicos colombianos (das ciências humanas e sociais), dedicam suas pesquisas para analisar diferentes aspectos da realidade colombiana no Brasil.

O exercício de análise deste artigo está inserido na interface da migração interna forçada colombiana (*o desplazamiento*) e a migração internacional da pesquisadora colombiana por motivação acadêmica no Brasil, tendo como intenção problematizar as experiências do trabalho de campo que aconteceram entre o Rio de Janeiro e Bogotá.

¹¹ Tradução da autora.

¹² Instituto Colombiano de Crédito

¹³ Segundo o Professor Doutor Mohammed Elhajji (ECO/EICOS UFRJ), analista da migração para o contexto brasileiro, afirma que os colombianos e as colombianas são dos primeiros grupos de migrantes a ocupar vagas dos cursos de pós-graduação no Brasil.

Itinerário Rio de Janeiro-Bogotá

A militância relacionada com meu trabalho não só me fez entender o conceito de globalização contra hegemônica, se não também me fez vivenciar ele no cotidiano da minha pesquisa. Pensando como descrever minha experiência de campo, na perspectiva da tradução, compreendi que não começou só quando cheguei na Colômbia com a câmera em mão. As portas às comecei a abrir desde o Rio de Janeiro, conheci a professora brasileira Claudia Miranda num momento de encontro e militância na UNIRIO ligada à temática de *Nuestra América*. A Professora Claudia faz anos que trabalha a situação Brasil-Colômbia desde a perspectiva educativa, realizando uma leitura crítica decolonial ao currículo educativo do Brasil e da Colômbia, relacionado com a questão étnica. Expliquei à professora que meu principal objetivo era identificar grupos de mulheres vítimas do *desplazamiento* forçado na Colômbia autogeridos e independentes de entidades do Estado, da Igreja, de ONG's e das organizações internacionais.

A professora Claudia me deu o contato de uma mulher que neste momento vou chamar de Jana, professora nas escolas e faculdades públicas da Colômbia e Mãe de Santo, em Bogotá, Jana é uma das investigadoras responsáveis pela pesquisa da qual agora faço parte, ela me abriu as portas de sua casa e me colocou em contato com uma integrante da Rede de Etnoeducadores/as, que foi vítima do *desplazamiento*.

Outra importante experiência foi a oportunidade de participar no Programa radial Bombando no Geral da *Radio Brisas* a rádio comunitária da *Rocinha*. A onde conheci uma companheira colombiana, que tinha chegado há pouco tempo no Brasil e por coincidência ela na Colômbia estava trabalhando com a população em situação de *desplazamiento* há pouco tempo. Através dela obtive o contato de uma organização de *desplazados* que no momento chamarei de “A ORGANIZAÇÃO DE *DESPLAZADOS*”¹⁴.

Ao chegar a Bogotá conversei com a presidente da “ORGANIZAÇÃO DE *DESPLAZADOS*” que neste momento vou chamar Luz. Ela me propôs trabalhar com um grupo de mulheres de diversas idades e que fazem com regularidade teatro de resistência sobre temáticas relacionadas à memória do *desplazamiento*. Com esta organização configuramos no

¹⁴ “A ORGANIZAÇÃO DE *DESPLAZADOS*” trabalha de maneira independente e autônoma com a população *desplazada*. Eles são uma associação constituída por pessoas em situação de *desplazamiento* e dirigida por eles mesmos. É formada em 2001.

espaço da escola de formação permanente, um ciclo de oficinas do Teatro do Oprimido, com a finalidade de ter uma troca de saberes.

Visitando os Santos

Em minha primeira visita a Jana, conversamos sobre as pessoas conhecidas em comum no Rio. Até esse momento não tinha percebido que a decoração da sua casa era muito similar com a decoração do Terreiro de Candomblé cuja mãe de Santo é a Meninazinha de Oxum, que tinha conhecido no Rio de Janeiro sendo assistente de câmera na pesquisa do Professor Doutor Claudio Cavas. Eu perguntei para Jana se tinha alguma relação o parecido de sua decoração com os ornamentos do candomblé no Brasil, Jana me respondeu de maneira contundente, eu sou uma Mãe de Santo e esta casa é na q estamos é um Terreiro, foi evidente minha emoção (fiquei com os olhos cheios de água), lhe contei sobre a experiência com a pesquisa do professor Claudio Cavas (2011) *As Mulheres Rodam a Baiana: Diáspora e a África no Brasil de todos os Santos. Um estudo sobre mães-de-santo do Rio de Janeiro*, e a elaboração que temos sobre esta temática no grupo de pesquisa do Laboratório de Imagens do Programa EICOS dirigido pela Professora Maria Inácia D'Ávila Neto.

Jana me explicou brevemente que sua linha de religiosidade está ligada à ancestralidade Yoruba de Cuba. Conheci por meio de Jana a Aline, uma mulher afro-colombiana vítima do *desplazamiento* que tem liderado importantes processos do movimento de vítimas das mulheres negras que sofreu violência sexual.

Tradução e diário de campo

O caso a ser analisado neste artigo parte das experiências registradas no diário de campo, segundo Magalhães (2014), o diário de campo é um instrumento reflexivo para o pesquisador *de caráter subjetivo e intimista*, complementando, o pesquisador deve analisar o dito, e o não dito, já que todo está carregado de sentido e pode expressar mais do que a própria fala. *Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto.*

Não é só escutado ou falado. O processo vai além, pois o fenômeno é dialógico e polifônico, muitos elementos verbais e não verbais interagem na escuta, na fala, na observação,

na contemplação e na análise do fenômeno pesquisado. Neste caso a experiência desta pesquisa translocal entre o Rio de Janeiro e Bogotá, o diário de campo apresenta os elementos intersubjetivos entre o contexto das participantes da pesquisa, e o da pesquisadora.

Os relatos de campo evidenciam o local da pesquisadora como tradutora. Reconhecer que este estudo acontece numa ponte aérea entre dois países ressignificar o local da interpretação, o que permite analisar o diário de campo dentro de uma perspectiva decolonial e pós-colonial, na qual é indispensável à localização da subjetividade da pesquisadora e propicia não só uma aproximação ao problema de pesquisa, como também indagar o lugar da alteridade da pesquisadora e olhar o objeto de estudo como num jogo de espelhos.

O processo da tradução, nos conecta com as mulheres em situação de *desplazamiento*, numa perspectiva na qual se humaniza o ato investigativo, e onde nós reconhecemos como pessoas localizadas, denominado, por Bhabha (2002) como o *terceiro espaço*, no qual se recria nas entrelinhas das enunciações das vivências do trabalho de campo entre Brasil-Colômbia com as mulheres migrantes desterradas e entre as enunciações da pesquisadora migrante.

Segundo Bhabha (2002), esta ressignificação a partir das fronteiras e encontro interculturais, entre línguas, territórios e comunidades, propicia a construção de valores éticos e estéticos que não pertencem a nenhuma cultura específica; são valores que surgem a partir da experiência da ‘travessia’ entre os espaços culturais *intersticiais*. O processo da ressignificação na tradução cultural, não é simplesmente uma apropriação ou adaptação, consiste num processo pelo qual as culturas devem não só revisar seus próprios sistemas de referência (normas e valores), como também abandonar suas normativas habituais.

A ambivalência e o antagonismo acompanham qualquer ato de tradução cultural porque é negociado com a diferença do outro. Para Bhabha (2002) é claro que tal negociação não acontece por assimilação, nem colaboração, ainda que possibilite o surgimento de uma agência intersticial que recusa o binarismo da representação usual do antagonismo social. Nesse processo, os agentes híbridos encontram suas vozes numa dialética que rejeita os valores de supremacia e soberania cultural.

Para Bhabha (2002), o local do hibridismo é o *terceiro espaço*, o espaço *intersticial* (inbetween), entre o enunciado e a enunciação. Lembrar do espaço ‘fora da frase’ é recusar a ditadura do enunciado normatizado, pronto e fechado. Deve ser entendido dentro do contexto da história, da ideologia e de outras condições de produção do significado, que constituem o momento de enunciação, e, portanto, contribuem para a constituição do sentido do enunciado.

É no espaço *intersticial* e particular que se desfazem os anseios pela universalização, pela homogeneidade e pela estabilidade, portanto é no *terceiro espaço* que a diferença e a alteridade do hibridismo se fazem visíveis e audíveis.

Uma proposta intercultural translocal tradutora

A ponte aérea Rio de Janeiro-Bogotá ocorre em um terceiro espaço. É por meio do encontro entre as mulheres migrantes colombianas (trans)localizadas, que acontece a tradução dos elementos interculturais, das experiências migratórias das participantes da pesquisa e a pesquisadora. Para isto procuro realizar uma tradução intercultural (trans)localizada de duas experiências: (a) o encontro com o Candomblé e (b) a prática do Teatro do Oprimido. Um caminho para o desenvolvimento das ideias de interculturalidade é o apresentado por Catherine Walsh: “A interculturalidade¹⁵ significa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e, de uma sociedade outra; uma forma outra de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade” (WALSH, 2009. p 49). Representa uma ruptura epistêmica que tem como base o passado e o presente, vivenciados como realidades de dominação, exploração, para Walsh (2009) a interculturalidade contrasta com o multiculturalismo neoliberal, pois a dominação do pensamento multicultural leva submeter a interculturalidade aos paradigmas dos setores branco-mestiços¹⁶ dos Estados-nação latino-americanos, que são as mesmas concepções globais ocidentais (WALSH, 2009). Entendemos que “No percurso decolonial que ensaiamos em coautoria, na coordenação compartilhada, a Colômbia foi desvendada e se deslocou das margens para o centro, influenciando o olhar panorâmico sobre a América Latina. (MIRANDA et al, 2021, p. 43).

O encontro com a Mãe de Santo, e o fato de estar (sem saber) visitando um Terreiro, em pleno Centro de Bogotá (minha cidade, tradicionalmente branca-mestiça), só foi possível pelo fato de ter conhecido o Candomblé, na minha trajetória migratória no Rio de Janeiro. Se este elemento intercultural não estivesse na minha memória, nunca teria realizado tão potente encontro. Este processo de localização dos saberes próprios das comunidades afro-

¹⁵ A interculturalidade abre horizontes e abre caminhos que deixou o colonialismo ainda presente, e convida a criar propostas e condições, relacionais e estruturais novas e diferentes. (WALSH, 2009)

¹⁶ O branqueamento físico e cultural funciona em todos os níveis da sociedade, significa o trânsito da maioria da sociedade para a ocidentalização, ao euro-anglo-centrismo e os valores, atitudes e razão associados (WALSH, 2009).

colombianas e, afro-brasileiras, nos permitem fazer um caminho reflexivo, traduzindo um encontro intercultural da América Latina negra em resistência translocal, como um ponto de reflexão para a construção de uma pesquisa outra, que supera as fronteiras dos estados-nação, numa lógica transacional pós-colonial de enunciação na resistência.

A troca de saberes com a técnica do Teatro do Oprimido¹⁷, realizada com a “Organização de desplazados”, gerou outro encontro intercultural, produzindo conhecimento na lógica de outra epistemologia. A prática do teatro das mulheres *desplazadas* na Colômbia e minha prática no contexto brasileiro, criaram um espaço semanal de troca e tradução de saberes sobre nossas experiências migratórias (as forçadas e as voluntárias). O que se relaciona com a condição transnacional plena de pluralidade de quadros simbólicos de pertencimento, identificação e reconhecimento (Ehajji,2010). O itinerário é a metáfora que utilizo para evidenciar a (trans)localidade, que acontece entre duas cidades, ressaltando os encontros interculturais, como fatos próprios para uma prática tradutora do transnacionalismo de ruptura (BESSERER. 2006). Os fatos são deslocados e intersticiais, que promoveram a construção de vínculos afetivos translocais, entre migrantes, fazendo possível a materialização de uma proposta metodologia de pesquisa transnacional tradutora, de um outro local de enunciação, o local dos/as migrantes.

À guisa de conclusão

Neste artigo, o intuito foi analisar traços da experiência de aprendizagem outras, nos encontros interculturais entre o Brasil e a Colômbia. Ganhou relevância, o trabalho de campo da investigação intitulada *Traduciendo los Testimonios de las Mujeres Víctimas del Desplazamiento en Colombia*, sobre Rio de Janeiro e Bogotá, problematizando a (trans)localização das práticas teórico-metodológicas dos estudos em migrações transnacionais, com a lente da proposta da tradução na perspectiva da crítica pós-colonial e decolonial. A metodologia utilizada foi a análise do diário de campo, com a lente das propostas teórico-metodológicas que privilegiam os estudos sobre interculturalidade, sobre transnacionalismo e sobre tradução. Os resultados apontam a necessidade de mais ênfase para a leitura de códigos

¹⁷ Técnica criada pelo brasileiro Augusto Boal, no Rio de Janeiro e utilizada a nível mundial para o trabalho com grupos e comunidades.

interculturais translocais, a necessidade de rupturas descolonizadoras que possam indicar alternativas para impulsionarmos outras aprendizagens nos “encontros de saberes” na Afro-América Latina.

É urgente realizarmos outras perguntas para ampliarmos as propostas de análises translocais. Perguntar sobre as andarilhagens coletivas, que facilitam a localização de um modo outro de ser/estar politicamente engajadas/os, se quisermos seguir os passos de bell hooks (2017) e defendermos outras aprendizagens mais ao Sul e menos ao Norte. É nesse ambiente propositivo que nasce uma *proposta intercultural translocal tradutora*. É com essa atmosfera que estabelecemos novas pontes aéreas desclandestinizando territórios como a Colômbia, capaz de reorientar novos sentidos de ser tradutora, migrante-investigadora transnacional, no Brasil.

Referências

BHABHA, Homi. *El Lugar de la Cultura*. Buenos Aires: Manantial, 2002.

BAHRI, D. Feminism in/and Postcolonialism, In: Neil Lazarus. *The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies*, Cambridge: Cambridge University Press, p.199-220. 2004.

BESSERER, Federico. *Una comunidad transnacional ante el poder clasificador y filtrador de las fronteras*. Colección Estudios Transnacionales. México: Ed. Universidad Autónoma Metropolitana y Juan Pablos Editores: San Juan Mixtepec pp. 288. 2006.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La Poscolonialidad Explicada a los Niños*. Popayán: Instituto Pensar. Universidad del Cauca, 2005.

CAVAS, Cláudio. *As Mulheres Rodam a Babaiana*. Diaspora e a África no Brasil De Todos os Santos; um estudo sobre mães-de-santo do Rio de Janeiro, Tese Doutorado programas EICOS. UFRJ. 2013.

ESCOBAR, Arturo. Desplazamientos, desarrollo y modernidad en el pacífico colombiano. In: RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Conflicto e (in)visibilidad: Retos en los estudios de la gente negra en Colombia*. Popayán: Universidade del Cauca. pp. 53-72. 2004.

ELHAJJI, M. Papel da Comunicação Comunitária Cultural na Construção de Espaços Identitários Transnacionais. In: Bruno Fuser. (Org.). *Comunicação para a Cidadania*. Rio de Janeiro: E-paperes. 2008.

ELHAJJI, M. Rio de Janeiro-Montreal; conexões transnacionais/ruídos interculturais. *Revista Unisinos* 12 (3): pp.177-184. 2010.

MAGALHÃES, Rita de Cássia. (Entre) Linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*. vol. 2, no 4. 2014.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 8, N. 2 – pág. 513-527 maio-ago de 2022: “Dossiê Outras educações: saberes e conhecimentos das populações racializadas em contextos de re-existência” – DOI: 10.12957/riae.2022.69829

MIRANDA, Claudia Miranda; RIASCOS, Fanny Milena Quiñones; PARDO, Catalina Revollo; DO CARMO, Aline Cristina Oliveira do. Decolonialidade e movimentos pedagógicos: traduções para a educação intercultural no itinerário Brasil-Colômbia In: RIOS, Jane Adriana Vasconcelos. *Profissão docente em questão!* Salvador: EdUFBA, 480 p. 2021.

SPIVAK. Puede hablar el subalterno?. *Revista Colombiana de Antropología*. v. 39. pp. 297-364, 2003.

VERTOVEC, Steven. Conceiving and Researching Transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, v. 22, n. 2. University of Oxford. 1999.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado y Sociedad; Luchas (De)coloniales de Nuestra Época*. Quito: Abya-Yala. 2009.